



HANNAH ARENDT E A CRISE NA EDUCAÇÃO: IMPLICAÇÕES SOBRE A IDEIA DE UMA EDUCAÇÃO REPUBLICANA

Izaquiel Arruda Siqueira

izarsiq@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco

Brasil



RESUMO

Este trabalho integra a pesquisa de Mestrado, em andamento, vinculada ao núcleo de Subjetividades Coletivas, Movimentos Sociais e Educação Popular do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE – Brasil. Neste, tomamos como ponto de partida a seguinte questão: quais as contribuições do pensamento da filósofa Hannah Arendt para a compreensão de uma escola republicana no Brasil? Assim, elencamos como objetivo geral: compreender a crise política no mundo moderno que atingiu a educação, da qual fala Arendt e, desse modo, suas implicações sobre a ideia de educação republicana. E como específicos: 1. Analisar o conceito de mundo para Arendt; 2. Refletir sobre a ideia de *vita activa*; 3. Pensar sobre uma educação que cultive a cidadania do mundo, ou seja, uma efetiva educação republicana. Sabemos que até os dias de hoje, em nosso país, não tivemos uma autêntica educação republicana, mesmo que pública (Brayner, 2008). E esta educação que temos é sustentada pela falsa ideia de soberania popular, onde o processo de exclusão é reproduzido de forma latente. Contudo, é por meio das capacidades republicanas e democráticas que as atividades do falar, do pensar e o julgar – atividades caras a Hannah Arendt – podem ser potencializadas, sobretudo, no processo educacional. Assim sendo, este estudo se caracteriza como bibliográfico, partindo do pensamento político-filosófico arendtiano (Arendt, 1989, 2008, 2009, 2013, 2014), como também de outros teóricos que pensaram tal problemática (Almeida, 2011; César e Duarte, 2010; Moraes e Bignotto, 2001; Duarte, 2000). Para o aprofundamento dos desdobramentos de uma escola pautada numa educação republicana, apresentamos os seguintes teóricos: Brayner (2008), Buarque (2011). Quanto à metodologia, o trabalho faz a opção pelo método dialético-hermenêutico. Os estudos já desenvolvidos sobre a teoria política-filosófica arendtiana a respeito da educação possibilitam formular algumas hipóteses de resultados esperados para esta análise: a) há uma transformação geral dos papéis de professores e alunos, como também, de uma instrumentalização da educação por parte dos governos e do mercado; b) subsiste uma impotência quanto à autoridade escolar, onde os alunos/as querem impor à escola um ritmo de não comprometimento com a construção e assimilação dos saberes; c) a rendição da educação à pedagogias inovadoras que não formam



para a natalidade (aparecimento no espaço público); d) o fato de o Brasil ainda não ter efetivado uma autêntica educação republicana, mesmo se tornando República.

RESUMEN

Este trabajo se realiza en el marco de la investigación de Maestría, que se realiza en el Núcleo de Subjetividades Colectivas, Movimientos Sociales y Educación Popular del Programa de Postgrado en Educación de la Universidad Federal de Pernambuco (UFPE – Brasil). En la investigación, tomamos como punto de partida la pregunta: ¿cuáles son las contribuciones del pensamiento de la filósofa Hannah Arendt para la comprensión de una escuela republicana en Brasil? En este sentido nos planteamos como objetivo general: comprender la crisis política en el mundo moderno que alcanzó a la educación, de la que habla Arendt y de ese modo, sus implicaciones sobre la idea de educación republicana, y como objetivos específicos: 1. Analizar el concepto de mundo para Arendt; 2. Reflexionar sobre la idea de vida activa; 3. Pensar en una educación que cultiva la ciudadanía del mundo, es decir, una efectiva educación republicana. Sabemos que hasta los días de hoy, en Brasil, no hubo una auténtica educación republicana, aunque si pública (Brayner, 2008). Esta educación es sostenida por la falsa idea de soberanía popular, donde el proceso de exclusión es reproducido de forma latente. Sin embargo, es a través de las capacidades republicanas y democráticas que las actividades del hablar, del pensar y de juzgar - actividades importantes para Hannah Arendt - pueden ser potenciadas, sobre todo, en el proceso educativo. En este sentido, este estudio se caracteriza como bibliográfico, partiendo del pensamiento político-filosófico arendtiano (Arendt, 1989, 2008, 2009, 2013, 2014), así como de otros teóricos que pensaron tal problemática (Almeida, 2011; César e Duarte, 2010; Moraes e Bignotto, 2001; Duarte, 2000). Al mismo tiempo, para la profundización de los desdoblamiento de una escuela pautada en una educación republicana, tomamos aportes de los siguientes teóricos: Brayner (2008), Buarque (2011). En cuanto a la metodología, el trabajo hace uso del método dialéctico-hermenéutico. Los estudios ya desarrollados sobre la teoría política-filosófica



arendtiana sobre la educación posibilitan formular algunas hipótesis de resultados esperados para este análisis: a) hay una transformación general de los papeles de profesores y alumnos, así como de una instrumentalización de la educación por parte de los alumnos gobiernos y del mercado; b) subsiste una impotencia en cuanto a la autoridad escolar, donde los alumnos quieren imponer a la escuela un ritmo de no comprometimiento con la construcción y asimilación de los saberes; c) la rendición de la educación a las pedagogías innovadoras que no forman para la natalidad (aparición en el espacio público); d) el hecho de que Brasil aún no haya efectuado una auténtica educación republicana, aun si se convierte en República.

Palavras-chave

Crise na educação. Natalidade. Educação republicana.

Palabras clave

Crisis en la educación. Natalidad. Educación republicana.



I. Introdução

Desde a Grécia Antiga, a formação educacional dos cidadãos gregos foi objeto de reflexão por parte dos filósofos. Sócrates, por exemplo, conduzia os jovens a um processo denominado maiêutica, que nada mais era, que a busca da verdade (do grego, *aletheia*) a partir do ato de questionar a si próprio. Platão, em *A República* (1999), além de esboçar uma teoria política, pensou, também, o processo pedagógico grego como parte integrante para a formação da pólis. E assim, este interesse pela educação perpassou, de século em século, com outras reflexões, e chegou aos dias de hoje, onde se tornou não só interesse da pedagogia, mas, da filosofia, da política, da sociologia, da psicologia, etc.

Esta preocupação com a educação também vai ser tema de reflexão da filósofa alemã, Hannah Arendt, quando pensou a crise no mundo pós II Guerra Mundial. Mas claro, pensou a educação a partir de outro viés teórico que o das pedagogias emancipatórias, como também, de outro contexto educacional que o da América Latina. Sua preocupação deu-se com a criança, com o mundo que lhe estava sendo entregue. E era neste mundo que os valores éticos e morais estavam estremecidos pela ruptura política gerada pelo Nazismo. A autoridade e a tradição jaziam e se tornava cada vez mais problemático o ato de educar, onde o espaço privado e o público se misturavam e, nesse ínterim, se faz relevante que retomemos o sentido da educação, que está no que ela propõe ser sua essência, a natalidade, fazendo surgir o novo, o inesperado. E esse novo e inesperado é um dos elementos que uma educação autenticamente republicana pode potencializar.

Assim sendo, temos como objetivo geral desta pesquisa: compreender a crise política no mundo moderno que atingiu a educação, da qual fala Arendt e, desse modo, suas implicações sobre a ideia de educação republicana. E como específicos: analisar o conceito de mundo para Arendt; refletir sobre a ideia de *vita activa*; e pensar sobre uma educação que cultive a cidadania do mundo, por amor ao mundo, ou seja, uma efetiva educação republicana. Este trabalho integra nossa pesquisa de Mestrado, em andamento, vinculada ao núcleo de Subjetividades Coletivas, Movimentos Sociais e Educação Popular do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.



II. Marco teórico/marco conceitual

O problema central dessa pesquisa está pautado na compreensão da crise política no mundo moderno que atingiu a educação, da qual fala Arendt e, desse modo, suas implicações sobre a ideia de educação republicana. Essa crise é caracterizada pelo estremecimento da autoridade, como também de uma ruptura com a tradição. Assim, para fundamentar essa pesquisa, sabemos que tratar de trabalhar Arendt nunca pode ser uma investigação que esteja confinada somente à uma obra, ainda que seja a mais fundamental de todas, mas, a partir de toda sua produção textual, buscar uma compreensão mais objetiva e aprofundada sobre temas que perpassam todo seu trajeto como escritora. Deste modo, não há possibilidade de refletir a educação em Hannah Arendt sem pensar em outras categorias que irão dar suporte à crítica que ela faz à situação educacional nos EUA nas décadas de 1950-60. Contudo, esta contextualização não é apenas histórica, mas trata-se de intensos movimentos de ordem textual e conceitual.

Para entrarmos em contato direto com o problema da crise na educação que, ainda que vista a partir do EUA, se dá em diferentes níveis, geral e local, transitando esses níveis sem isolar as causas da crise em um único pavimento, mas também sem deixar de apontar o que ela considera essencial (Andrade, 2012), os ensaios específicos sobre educação serão o suporte de onde teremos uma visão geral do que a filósofa pensa sobre o ato de educar, ainda que não se considere uma pedagoga profissional. O primeiro deles é o ensaio **A crise na educação** presente na obra **Entre o Passado e o Futuro** (2013). O próprio título do ensaio supõe que a crise não seja essencialmente **da** educação, mas **na** educação. Sobre esse aspecto da crise, este ensaio guarda íntima vinculação com outro ensaio educacional, **Reflexões sobre Little Rock** que está contido na obra **Responsabilidade e julgamento** (2004) que, mais uma vez aparece a influência da mentalidade política e educacional, emergente do *pathos* do novo.

No entanto, tal crise acontece em um espaço que Arendt vai classificar como sendo o espaço político. É neste espaço político onde estão contidas as experiências humanas, os artefatos que mediam e condicionam as relações entre nós, o trabalho como forma de construção deste mesmo espaço e as ações, etc. Para isso, a obra **A condição humana** (2014) irá dar suporte à esta discussão, mas, ainda alguns comentadores que se destacam no Brasil



pela seriedade no estudo do pensamento arendtiano, tais como: Almeida (2011), César E Duarte (2010), dentre outros.

Tendo investigado a ideia que ela traz de mundo comum, precisaremos fazer uma análise conceitual sobre o que ela vai titular de *vita activa*, para que, adiante, o conceito de natalidade esteja bem fundamentado, esta que é essência da educação e, desde cedo, mostra-se importante para a compreensão do pensamento de Hannah Arendt para fundamentar a ideia republicana de educação. Para essa análise, novamente a obra **A condição humana** (2013) dará o suporte teórico necessário. Nesta obra, a autora dedica três capítulos aos referentes elementos que compõem a *vita activa*: o trabalho, a obra e a ação.

Pensar a natalidade como essência da educação é não só ficar no campo da educação, mas, adentrar a teoria política arendtiana, definindo-a em suas conexões fenomênicas e conceituais. Visto que a natalidade, em Arendt, é um jogo promissor da disposição humana de falar e de agir, rompendo toda e qualquer tentativa manipuladora, opressiva, controladora e capaz de levar o ser humano ao silêncio. Para conhecer este conceito, portanto, vamos distinguir as três atividades citadas acima, o trabalho, a obra e ação. Estas atividades correspondem a uma condição humana específica, a vida, a mundanidade e a pluralidade (Andrade, 2012). E ainda considera uma distinção entre dois espaços da vida humana que são: a esfera privada (onde se efetivam as prestações do trabalho e da obra) e a esfera pública (cumpre a este espaço a prestação da ação).

Por último, para refletir, propriamente, o conceito de natalidade, iremos continuar no mesmo percurso dos referenciais teóricos já expostos. É na obra **A condição humana** (2013), que Arendt pensará sobre esta categoria da vida humana. Contudo, mesmo com inquestionável importância esta obra, pretendemos, para sustentar nossa investigação, nos fundamentar sobre obras importantes de alguns comentadores já citados acima, mas também de outros que tratam do conceito de natalidade e suas implicações no contexto educacional, tais como: Moraes e Bignotto (2001), Duarte (2000). E, para o aprofundamento dos desdobramentos de uma escola pautada numa educação republicana, apresentamos os seguintes teóricos: Brayner (2008), Buarque (2011), dentre outros.



Contudo, queremos deixar claro que todo o arcabouço teórico de Arendt será fundamental para a pesquisa como um todo. Assim, obras como **Origens do totalitarismo** (1989), **A vida do espírito** (2014), **A promessa da política** (2008), **Sobre a Revolução** (2011), **Sobre a violência** (2010), **Eichmann em Jerusalém** (1999) também se colocam como indispensáveis.

III. Metodologia

Nosso procedimento metodológico é classificado como uma pesquisa bibliográfica. Isto porque visitamos, revisamos e buscamos nos aprofundar na literatura concernente com o objeto a ser pesquisado, através da leitura do material. Assim, por meio das fontes selecionadas construímos, sistematicamente, apontamentos e fichas, comentários, citações, resumos e observações pessoais úteis para o desenvolvimento da pesquisa em andamento, que será uma dissertação de mestrado. É importante notar o caráter dialético e hermenêutico da pesquisa em fase de construção, pois que, ao tratar-se de um tema relacionado à filosofia da educação, tratamos, sobretudo de teorias que, por vezes, podem se apresentar demasiado metafisicamente. Contudo, um esforço de nossa parte deve nos conduzir a resultados para o campo prático da educação.

A seguir, explicaremos o passo a passo de como a pesquisa está se dando, sustentando a metodologia a partir, sobretudo, de duas obras: Metodologia do trabalho científico (2010), de Antônio Joaquim Severino; e Metodologia filosófica (2006), de Dominique Folscheid e Jean-Jacques Wunenburger.

1) Levantamento bibliográfico preliminar: esta é uma etapa preliminar, que se apresentou como uma forma de auxílio na definição do tema, delimitando-o. Foi, basicamente, um estudo que teve a finalidade de aproximar-nos com a área de interesse, tendo em vista que este depende do conhecimento sobre o assunto;

2) Elaboração do plano provisório de assunto: esta etapa foi denominada de provisória, pois não temos, ainda, uma coleta final de dados. Assim, a todo momento podemos alterar, demonstrando a característica dialética da pesquisa, pois, como a pesquisa está em andamento, temos dados a incluir como excluir em matéria de conhecimento;



3) Busca de fontes: foi o processo de identificação de quais as fontes capazes de fornecer as respostas necessárias para à solução do problema;

4) Leitura do material: esta etapa consistiu na leitura no material bibliográfico organizado, mas não uma mera leitura de aprendizado, implicou imensa atenção e foco para identificar as informações e os dados, estabelecer relações, analisar o material recolhido. Assim, podemos classificar os tipos de leituras do material de acordo com o avanço do processo: 1) leitura exploratória: teve por objetivo verificar em que medidas a obra consultada interessa na pesquisa; 2) leitura seletiva: foi a determinação do material que de fato interessa à pesquisa e foi mais profunda que a exploratória; 3) leitura analítica: feita em base nos textos selecionados. Nesse processo é permitido, e muitas vezes necessário, acrescentar alguns textos, mas tem que se adotar a postura de estar definitivo, com a finalidade de ordenar e sumariar as informações; 4) leitura interpretativa: última etapa do processo de leitura, a mais complexa. É neste processo que devemos conferir o significado aos resultados obtidos com a leitura. É necessário ligar os dados com o conhecimento obtido;

5) Fichamento: esta etapa teve como objetivo a identificação das obras consultadas, o registro de conteúdo das obras, o registro de comentários acerca das obras e a ordenação dos registros;

6) Organização lógica do assunto: para que a pesquisa possa ser entendida, foi necessário a organização das ideias, procurando atender os objetivos;

7) Redação do texto: por fim, chegamos à última etapa desta pesquisa, que é a redação, propriamente dita. Nesta etapa, não existem regras fixas, pois o modo de escrita e de orientação dependeu de nós mesmo. Aqui, o que importa é que estejam divulgadas todas as informações e conhecimento construídos ao longo da pesquisa. O que quer dizer que, trata-se de uma dissertação onde haverá uma compreensão interpretativa, ou seja, hermenêutica, dos fatos, dos dados e a conclusão.

IV. Análise e discussão dos dados

O ensaio onde Arendt reflete, propriamente, sobre a educação, intitulado A crise na educação, se encontra na obra Entre o passado e o futuro (2013). Nesta obra, a autora reúne



diversos textos, antes publicados em diferentes revistas. Esses escritos tratam, porém, de uma vontade de compreender os acontecimentos políticos do século XX e se colocam como exercício do pensamento.

No tocante à crise na educação, fatores externos contribuíram para isto. Restam-nos as perguntas: Quais são esses fatores? Que crise seria essa que assolou o mundo moderno nos seus espaços políticos e pré-políticos? Sem fazer um aprofundamento histórico, podemos pensar sobre esse contexto exterior que, para a filósofa, foi o ponto inicial da crise. Destacamos o Nazismo, que se configurou como a prova cabal da permissividade em relação à condição humana: tudo foi admitido. Inclusive, é após a II Guerra Mundial que o mundo se vê diante de um dilema: a ruptura da tradição.

Esta tradição, segundo Arendt, era o sustentáculo de uma vida pautada no reconhecimento da herança do passado. Sendo rompida, instala-se uma crise mundial que é, sobretudo, política, e que ultrapassou os limites da vida privada e atingiu a vida pública na sua mais efetiva representação: as instituições. Foi uma época triste onde o homem foi colocado, violentamente, diante de um mundo sem sentido, marcado pelas bombas atômicas produzidas e lançadas por ele mesmo.

Já o contexto local configura-se que, na década de 1950, os EUA foram influenciados por experiências pedagógicas isoladas da Europa, que fez com que sua ânsia pelo *novo* que, segundo Arendt, é uma característica deles desde quando se afirmavam como o *Novo Mundo*, abrisse caminho para que esse modo de fazer educação acometesse o país e afetasse a própria prática pedagógica. Essas teorias influenciaram, também, outros países, como o Brasil. Era a chamada *progressive education*. Segundo Andrade (2012, p.67):

Para atender ao *pathos* do novo, adere às tendências da *progressive education*, rompendo com as concepções tradicionais de ensino. A crise encadeada pela ruptura anuncia a “bancarrota da educação progressiva (*progressive education*), além de ser um grande problema e de difícil resolução por surgir sob “as condições de uma sociedade de massas e em respostas às suas exigências” (cf. CE:228). Além disso, tenta-se por meio da educação apagar ao máximo as diferenças “entre jovens e velhos, entre dotados e pouco dotados, entre crianças e adultos e, particularmente entre alunos e professores” (CE:229).



Embora estivesse refletindo sobre o fenômeno educacional na América (é assim que se refere aos EUA), Arendt elucida que há uma tentação para tratar desse problema como uma situação local, específica, confinada às fronteiras. No entanto, a influência dessa situação chega a outros países, como bem disse: “pode-se admitir como uma regra geral neste século que qualquer coisa que seja possível em um país pode, em futuro previsível, ser igualmente possível em praticamente qualquer outro país (Arendt, 2013, p.222)”. E, mesmo buscando uma compreensão do que estava acontecendo, ela não dá receitas para resolver a crise. Acreditava que sua tarefa consistia em pensar o mundo.

Em relação às teorias pedagógicas que se expandiram nas décadas de 1950 e 1960 e que foram duramente criticadas por Arendt, podemos dizer que são classificadas como as tendências Liberal Renovadora Progressiva e a Liberal Renovadora não-diretiva (Escola Nova), que tiveram como um de seus representantes e expoente máximo John Dewey (1859-1952), além de Maria Montessori (1870-1950), Édouard Claparède (1873-1940), Jean Piaget (1896-1980), entre outros.

Estas teorias trazem como foco central o educando, conferindo-lhe “certa autonomia” no processo do aprendizado e buscando tornar o espaço escolar um ambiente onde a relação entre professor e aluno seja mediada pela ideia de igualdade, ou seja, uma relação de nivelamento deve ser sustentada. Deste modo, o professor não é aquele que exerce uma autoridade no agir pedagógico, mas apenas, um mediador, um facilitador entre o aluno e o conhecimento.

A autora questiona essa novidade extrema que toma a educação e se pergunta sobre o motivo de os níveis escolares nos EUA estarem tão abaixo dos da Europa. E sua resposta é enfática: uma pedagogia situada numa perspectiva de massas, e que aponta para o fato de que em nenhum outro lugar essas teorias mais modernas no campo da pedagogia foram aceitas tão servil e indiscriminadamente como na América (Arendt, 2013).

Seguindo nessa direção, sua crítica a essa ideia pedagógica se configura a partir de três pressupostos. O primeiro é relativo à ideia de naturalidade do espaço político e social, onde a autoridade do professor é transferida para o grupo de crianças; o segundo pressuposto corresponde ao fato de que a pedagogia se transformou numa espécie de “ciência do ensino



em geral a ponto de se emancipar inteiramente da matéria efetiva a ser ensinada (Arendt, 2013, p.231)”, sendo influenciada pela psicologia e pelo pragmatismo, onde o professor só precisa estar um pouco adiante dos seus alunos, sem a necessidade de um domínio maior dos conteúdos, perdendo assim, aquilo que compõem sua autoridade no processo educacional, o conhecimento; o terceiro pressuposto está relacionado ao fato de se conhecer e compreender o que se faz. Infelizmente, esse conhecimento e compreensão encontraram no pragmatismo apoio conceitual e sistemático.

Ela reflete o agir pedagógico como mera transmissão de conteúdos elaborados apenas para a prática, como resposta ao contexto pragmático da época que almeja, sobretudo, o fazer em detrimento do conhecer, práticas estas que se opõem ao ideal de escola republicana. A autora acreditava que o conhecimento não deve adentrar essa lógica, mas antes de tudo, ser direcionado para a compreensão do mundo, pois só se transforma aquilo que se compreende.

Podemos afirmar, acima de tudo, que o sistema neoliberal traz em sua essência essa busca pelo fazer: é mais valorizado quem produz mais, quem possui mais meios e ferramentas de produção e, conseqüentemente, quem tem mais poder aquisitivo. Sua façanha se dá pelo fato de ser ele mesmo um sistema sutil, o que o torna capaz de se infiltrar em todos os âmbitos da vida pública e privada, inclusive nas questões de ordem metafísica. Desse modo, toda a vida humana em sua integralidade corre o risco de ser gerida por uma ótica mercadológica. E por isso, torna-se estarrecedor perceber que a educação também se rende a esse modo de funcionamento social, se caracterizando por uma busca teleológica desta natureza.

É importante dizer que, no ensaio A crise na educação, Arendt não pensa uma educação onde subsista a manutenção do *status quo*, onde nada possa ser questionado ou até mesmo, o professor não possa aprender, tampouco, defende uma escola com métodos antiquados. Acreditamos que sua preocupação é mais profunda, se pautando numa escola republicana onde as crianças, em igualdade, tenham acesso aos conhecimentos das artes e literaturas, das línguas e dos conhecimentos históricos, dos conhecimentos científicos e assim, o senso de criticidade seja construído para que, quando saírem da escola, ajam no mundo, através da natalidade. O que seria mais democrático, senão oferecer isso às crianças? Diz ela:



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Nossa esperança está pendente sempre do novo que cada geração aporta; precisamente por basearmos nossa esperança apenas nisso, porém, é que tudo destruimos se tentarmos controlar os novos de tal modo que nós, os velhos, possamos ditar sua aparência futura. Exatamente em benefício daquilo que é novo e revolucionário em cada criança é que a educação precisa ser conservadora; ela deve preservar essa novidade e introduzi-la como algo novo em um mundo velho, que, por mais revolucionário que possa ser em suas ações, é sempre, do ponto de vista da geração seguinte, obsoleto e rente à destruição (Arendt, 2013, p.243).

Pensamos, a partir da autora, que o amor ao mundo, onde a educação está presente, é o que faz o homem ser um cidadão. Portanto, não se educa sem estar comprometido com a vida; não se educa para autoajuda ou para instruir na arte de viver bem. Educa-se, inclusive, para continuar sustentando a vida humana, consciente de que a história se dá a partir de nossa ação política. A escola tem, dentre tantas outras, essa função: ensinar a criança como o mundo é para que, com o segundo nascimento, ela possa agir nele. E aqui, voltamos ao que ela diz no ensaio, que a natalidade é a essência da educação: a vida humana é compreendida por dois nascimentos, o biológico e o nascimento para o mundo (Arendt, 2013).

O primeiro nos coloca no mundo construído; o segundo nos dá a possibilidade de inaugurar algo novo, por meio da ação. E, pelo menos, parece que este é um dos caminhos pretendidos pela proposta de educação no pensamento arendtiano: gerar homens novos para que criem no mundo outros sentidos. Por fim, Arendt ainda adverte que, quem não estiver imbuído desta preocupação pelas crianças e pelo mundo, no amor, não deve cuidar de criança, pois o *amor-mundi* é uma marca indelével da condição de cidadão.

Este mundo onde a criança chega e do qual fala Arendt, é o mundo onde estão contidas as experiências humanas, os artefatos, o trabalho como forma de construção deste mesmo espaço. Assim, efetivando a reflexão a respeito do mundo, César e Duarte explicam a ideia arendtiana de mundo:

Para Arendt (1995), o mundo é uma construção propriamente humana, constituído por um conjunto de artefatos e de instituições duráveis, destinados a permitir que os homens estejam continuamente relacionados entre si, sem que deixem de estar simultaneamente separados. O mundo não se confunde com a terra onde eles se movem ou com a natureza de onde extraem a matéria com que fabricam seus artefatos, mas diz respeito às múltiplas barreiras artificiais, institucionais, culturais, que os humanos interpõem entre eles e entre si e a própria natureza. No pensamento de



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

Arendt (1995), o mundo refere-se também àqueles assuntos que estão entre os homens, isto é, que lhes interessam quando entram em relações políticas uns com os outros. Neste sentido mais restrito, o mundo também designa o conjunto de instituições e leis que lhes é comum e aparece a todos. Trata-se daquele espaço institucional que deve sobreviver ao ciclo natural da vida e da morte das gerações a fim de que se garanta alguma estabilidade a uma vida que se encontra em constante transformação, num ciclo sem começo nem fim no qual se englobam o viver e o morrer sucessivos (César e Duarte, 2010, p. 825).

Entendido dessa maneira, a filósofa vai afirmar que os homens têm uma relação privilegiada uns com os outros neste mundo. E, com isto, a educação tem a delicada tarefa de inserir os novos nesse espaço de significados que lhes antecede e que deve perdurar mesmo após a sua morte, pois, durante a vida os sujeitos devem conservar as ações valorativas de seus antepassados e fazer com que perdurem.

Com uma reflexão direcionada para o novo começo, vemos que alguns outros conceitos são usados pela autora a fim de fundamentar o conceito de natalidade. Um destes conceitos é o de *vita activa*: trabalho, obra e ação. Estes conceitos não são citados no ensaio sobre a crise na educação, e por este motivo, partiremos da ideia de explicitação do tema da natalidade, relacionando-o à sua posição presente na obra *A condição humana* (2014).

Pois bem, passemos à compreensão dessas três categorias, começando pelo **trabalho**. O capítulo III da obra *A Condição Humana* (2014) é todo dedicado à compreensão deste conceito e sua presença na vida humana. Arendt inicia o capítulo destacando que fará uma crítica à Marx e continua sua reflexão elencando a história do trabalho na sociedade da Grécia Antiga. Disso, ela evoca as construções semânticas da língua grega e alemã para mostrar a distinção de sentido do conceito de trabalho e ainda cita a distinção de Locke (1978), que também pertence à distinção grega: *o trabalho do nosso corpo e a obra de nossas mãos*. O trabalho foi, portanto, de grande interesse na *pólis* grega e tido, com muita força, como atividade de desprezo destinada aos escravos.

Para ela, o trabalho é a atividade que traz em sua essência a manutenção da vida. Não a vida no sentido axiológico, metafísico, mas biológico. A vida é sustentada por ele por meio do suprimento das necessidades com as coisas que ele mesmo produz e que, rapidamente, desaparecem, tornando-se necessário produzi-las novamente, dentro de um movimento cíclico



da natureza: a vida e a morte. A vida consome tudo o que o trabalho produz, denunciando, deste modo, a sua durabilidade e mostrando que, assim como ela própria, também o trabalho é recorrente, possuindo apenas pausas, intervalos, ressignificações, mas nunca começo e fim. Com isso, atrás de si, ele não deixa nada, pois, o resultado do seu esforço é consumido ligeiramente da mesma forma que foi efetivado. Mas, essa futilidade não pode ser desprezada, visto que a vida depende dele e assim será sempre, mesmo não deixando nada durável e seu resultado esvaecendo no consumo.

Pensemos, agora, sobre o que é a **obra** ou a fabricação na visão arendtiana. A autora começa o capítulo IV, que trata da obra, expondo que Locke necessitava das coisas destinadas ao uso para o estabelecimento da propriedade e do “valor”, do qual o próprio Adam Smith precisava para o mercado de trocas, e ainda, as coisas testemunhavam a produtividade da qual Karl Marx acreditava ser o teste da natureza humana. Para Arendt, a obra seria a atividade que se refere à artificialidade da existência humana, o que quer dizer que não corresponde a naturalidade, mas ao contrário, à não-naturalidade. Ela se diferencia do trabalho por não se prender ao círculo corrente da natureza, produzindo, portanto, um mundo de coisas artificiais e, evidentemente, diferente de qualquer espaço natural.

A condição da obra, como fora dito acima, é a mundanidade, já que sua função não é fornecer o necessário para a vida biológica, mas construir o mundo dos homens, e prestando seus artefatos para a utilidade: “Seu resultado, o artefato, pode ser entendido como resultado final em dois sentidos: por um lado, o produto chega ao fim no momento de sua fabricação; por outro, é um meio para a produção desse fim (Andrade, 2012, p.72)”. O que isso quer dizer? A obra, em hipótese alguma, produz coisas efêmeras que se vão com o próprio consumo, mas objetos de utilidade. O uso da obra não é imediatista e nem se esvai, consumindo os artefatos. Ainda que cause o desgaste, a obra não desaparece, só se transforma.

Por fim, a **ação**, para Arendt, é capaz de criar espaços comuns entre os homens. Diferentemente do trabalho que é cíclico, ou seja, sem começo nem fim e, também da obra, que tem começo e fim determinados, a ação só tem como característica, em comparação a estas outras esferas da *vita activa*, o começo, pois, seu fim não tem previsibilidade. E assim, a



ação tem como manifestação, o discurso. O que quer dizer que ela é discursiva não só porque se age pelo discurso, mas também porque podemos discursar sobre ela (contar uma história): “É pela qualidade discursiva que incidimos, quando de forma legítima, sobre os outros, sem usos de meios de violência (Andrade, 2012, p. 74)”. É pelo discurso que podemos ter influência direta na vida do outro.

Arendt inicia o capítulo V da obra *A Condição Humana* (2014) deixando claro que os homens são plurais, ou seja, a pluralidade faz parte de sua condição. E é esta pluralidade que torna possível a ação, efetivada no discurso. Ou seja, em hipótese alguma, a ação se dá de modo isolado. No isolamento os homens não são capazes de construir seus sentidos e se comunicarem com o mundo, com os outros, consigo mesmo. Se fossem iguais, uns aos outros, não precisariam do discurso, pois signos e sinais dariam conta de todo o processo comunicativo. Deste modo, só o homem é capaz de comunicar a si próprio e não apenas comunicar alguma coisa. E ainda, a ação e o discurso estão, estritamente, ligadas à natalidade, pois que, tendo o cidadão aparecido no mundo político, ele age e discursa.

Com essa reflexão, fica claro que não dá para falar em natalidade, em Hannah Arendt, sem citar estas três esferas da *vita activa* que é o trabalho, a obra e a ação. Estas esferas são de suma importância na reflexão política arendtiana, visto que, é a natalidade que faz com que o novo apareça no mundo e este novo é capaz de trabalhar para sua subsistência, produzir artefatos para usá-los e agir, modificando o que fora deixado por outros, ao mesmo tempo em que conserva esses mesmos deixados.

Nesse sentido, a autora, que tem um pensamento republicano, dá pano de fundo para pensarmos uma educação republicana, esta que deve conduzir e respeitar a natalidade. Os sujeitos, vindos da educação, poderão construir outros significados para, também, deixar como herança para os próximos que os sucederão, dando continuidade no processo vital e simbólico da condição humana. Como também, esta mesma educação republicana (que nunca tivemos no Brasil!) deve formar para a cidadania, já que é por meio da natalidade que o cidadão ganha visibilidade pública através de sua fala e de sua ação. Uma educação para a cidadania não passaria de uma aposta, plena de incertezas, onde os indivíduos venham a ter *vita activa*.



Mas, por ser esta aposta, este espírito de um republicanismo escolar, que parte de novos pactos republicanos (que não caberia discutir, por ora, neste trabalho, devido a limitação de espaço), aponta para o inacabamento da escola moderna, onde a dívida política pode ser paga com o desenvolvimento de competências para falar, pensar e julgar, na tentativa de “tornar-se alguém”, dada pelo aparecimento no espaço político. Este aparecimento fora, ao longo da história do Brasil, negado aos cidadãos, já que, a partir de 1889, a República inaugurou cidades sem cidadãos, manteve sua cara oligárquica, seu cunho liberal e coronelístico de voto, não integrou as camadas sociais saídas da escravidão, não avançou em um projeto de Nação (Brayner, 2008). O que nos resta: reconstruir a República através de novos pactos e de um republicanismo solidário. A educação, mesmo não sendo salvacionista, é parte integrante desta construção, pois a natalidade dá condições para que os homens ajam e discurssem neste mundo comum.

V. Conclusões

A pesquisa tem nos direcionado para uma compreensão do fato de que Hannah Arendt tinha certa razão quando disse que a crise não ficou restrita aos EUA apenas, mas, afetou diversos outros países, como é o caso do Brasil que, na metade do século passado já respirava ares de uma pedagogia que soava como nova, redentora, e, capaz de levar a criança a um “desenvolvimento pleno” quando colocada no centro do processo educacional. Mas, que não conduziu a um estado de cidadania onde o sujeito desenvolveria as capacidades de falar, pensar e julgar. O que quer dizer que, não se tratava de uma educação republicana.

E assim, nos questionamos: qual o lugar da ação e do discurso no mundo político, hoje? Há, ainda, importância fundamental sobre esses elementos da *vita activa* em nossas relações uns para com outros? Formamos nossas crianças para que desenvolvam a devida liberdade da ação quando se tornarem cidadãos? Como podemos trabalhar para pensarmos uma educação republicana, que vai além das simples somas de resultados e números apresentados pelos governos e que, na verdade, falseiam a realidade da educação brasileira? Arendt pode nos ajudar a buscar caminhos alternativos, pois que, não podemos mais dar as mesmas repostas a problemas antigos, resolver uma crise com “preconceitos”.



VI. Bibliografia

- ALMEIDA, V. S. (2011). *Educação em Hannah Arendt: Entre o mundo deserto e o amor ao mundo*. São Paulo: Cortez.
- ANDRADE, F. R. (2012). *A compreensão dos elementos totalitários na educação, segundo Hannah Arendt* (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.
- ARENDT, H. (1999). *Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia da Letras.
- ARENDT, H. (2000). *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Cia das Letras.
- ARENDT, H. (2008). *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia da Letras.
- ARENDT, H. (2013a). *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva.
- ARENDT, H. (2013b). *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- ARENDT, H. (2014a). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- ARENDT, H. (2014b). *A vida do espírito*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BRAYNER, F. (2008). *Educação e republicanismo: Experimentos arendtianos para uma educação melhor*. Brasília: Liber Livro.
- BUARQUE, C. (2011). *A revolução republicana na educação: ensino de qualidade para todos*. São Paulo: Editora Moderna.
- CÉSAR, M. R. & DUARTE, A. (2010). Hannah Arendt: pensar a crise da educação no mundo contemporâneo (SP). *Educação e pesquisa*, 36 (3), 823-837.
- DUARTE, A. (2006). *O pensamento à sombra da ruptura: Política e filosofia em Hannah Arendt*. São Paulo: Paz e Terra.
- FOLSCHEID, D. & WUNENBURGER, J. (2006). *Metodologia filosófica*. São Paulo: Martins Fontes.
- LOCKE, J. (1978). *Segundo tratado sobre o governo civil*. São Paulo: Abril Cultural.
- MORAES, E. J. & BIGNOTO, N. (2001). *Hannah Arendt: Diálogo, reflexões e memórias*. Belo Horizonte: Ed. UFMH.



SEVERINO, A. J. (2012). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez.

PLATÃO. (1999). *A República*. São Paulo: Nova Cultural.